

OS BORDADOS DO TEMPO

Maria Theresinha do Prado Valladares (UERJ)

O tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo, uma flor, um pássaro, uma dama, um castelo, um túmulo. Também, se pode bordar nada. Nada em cima do invisível é a mais sutil obra deste mundo e acaso do outro.

(Machado de Assis, 1984, p. 52)

Tudo muda quando por fim nos apercebemos (mas quem se apercebe disso e qual a proporção do grande público para quem esse instante nunca chega?) que a história não é outra coisa se não a vida dos homens, que ela é feita da mesma matéria de que é feito o momento presente, que os mortos foram outrora tão vivos quanto nós o somos, nós que dentro de poucos anos estaremos tão mortos como eles. Para gostar da história e saber entendê-la, compreende-se que seja preciso antes do mais, ter uma experiência humana rica e forte e isso consiste muito menos em ter presenciado muitos acontecimentos do que ter meditado sobre aqueles de que fomos actores ou testemunhas.

(Joseph Hours, 1979, p. 8)

Tecendo os fios entre literatura e história, entendemos que o tempo e os espaços culturais são verdadeiros mediadores na busca das “verdades” da ficção. A relação autor/leitor é o caminho para a desconstrução dos mistérios da invenção. Os textos literários, fundamentalmente contos, deverão mostrar as transgressões à organização dos historiadores e a “obediência” à história, verdadeiro processo de transformação do mundo.

A história do ser humano tem se realizado através de violações da ordem. E violação – entendendo-se o termo como o meio de romper com a chamada “harmonia social”, imposta, – pode ser violenta ou não, velada ou não, caracterizada imediatamente ou não.

CRÍTICA LITERÁRIA II

A violação, se nem sempre se pode marcar pela revolução, é, pelo menos, o meio pelo qual o ser humano se sustem como indivíduo, fenda pela qual respira, embora nem sempre conscientemente. Mas é também pela vigilância no cumprimento da ordem institucionalizada que uma sociedade pode condenar o violador, mesmo que seus atos não se marquem como crimes previstos pelos códigos penais e que a punição para eles não esteja escrita por qualquer legislador. A violação pode ser um simples romper do papel a representar, do espaço limitado a homens e mulheres. “Inventar para abrir ou para fechar o campo da observação?” pergunta Alexandre Pinheiro Torres. Ao mesmo tempo o nosso Drummond ensina: “Lutar com palavras é luta mais vã/no entanto lutamos mal rompe a manhã”.

Um, o primeiro, é escritor português, o outro o escritor brasileiro. Dois espaços culturais, duas posturas históricas, dois questionamentos a caminho dos “bordados” do tempo.

Os processos da teoria da literatura têm se mostrado insuficientes para dar conta dos textos que, por mais que sejam lidos e relidos através dos tempos, sempre se renovam em interpretações outras e, também, sempre mostram novos mistérios, significados não apreendidos, a serem desvelados. E a história vem, então, como a grande “descoberta”, capaz de responder a insatisfação apreendida nos vazios geradores das tensões existentes no espaço entre uma leitura e outra, eliminando a linearidade, impondo a oposição e a pluralidade, democratizando as leituras, questionando.

A história pode ser pensada em dois sentidos – primeiro como o conjunto de fenômenos pelos quais a vida humana tem se manifestado e, segundo, como o conhecimento que a humanidade tem de seu passado, através do que se chama narrativa histórica.

O segundo sentido, pensado aqui inversamente em primeiro lugar, vem sempre acompanhado pela idéia de verdade, de exatidão do fato histórico. Mas, no questionamento, a “exatidão” adquire nova dimensão: a da cristalização dada pelo discurso do poder, ampliada até ter sua “verdade” afirmada e reafirmada, na medida em que um maior número de pessoas dele se ocupar. Além desse questionamento, se pergunta, também, em que afeta a formação de um povo saber que sua república ou sua independência foram conquistadas no dia tal ou qual de um determinado mês e ano ao invés de um dia ou um

mês antes ou depois? O fato histórico, já disse alguém, é o “lixo da história”.

Por outro lado, a história tem sido retratada pelo poder como sucessão de acontecimentos pessoais. O mito do herói tem se mantido quase sem brechas, explicando-se os acontecimentos através das atitudes daqueles que, em momento determinado, se destacam ou são destacados pelo discurso como figuras exemplares, no lado dos vitoriosos, ou execráveis, no lado dos perdedores. É o discurso ideológico que, de forma bastante velada, impõe ao ser humano a noção de líder e de liderado, alienando, na medida em que elementos culturais são transformados em naturais.

A palavra *história*, cuja raiz grega designa a *ação de ver*, dá ao historiador o papel daquele que *viu*, ainda que sua experiência testemunhal seja aquela acrescida da experiência de outras testemunhas, outras visões dos fatos, já consideradas *documentação*. O historiador torna-se, assim, o mediador entre os acontecimentos e o registro desses acontecimentos, criando a lacuna entre os existentes traços individuais e os traços histórico-sociais. O reconhecimento disso e o preenchimento da lacuna é o processo de desalienação. A escritura do poder, sistêmica, tem que se tornar transparente na sua oposição – a escritura fora do poder, anti-sistêmica, portanto privilegiando a liberdade.

A história como processo, o primeiro sentido, dinâmica portanto, mostra-se no exame das relações do real. E é aí que se encontra o sujeito, o homem histórico, aquele que – se consciente, “faz a hora”.

O sistema dominante “apaga” as verdades das relações do real, invertendo posições: apresenta as idéias como capazes de gerar as relações sociais e determinar o processo histórico, quando essas são geradas a partir dele.

A história, como processo, tem os seus mecanismos de defesa e, em oposição ao sistema dominante, revela o saber como um trabalho. Em tal sistema, o conhecimento é institucionalizado, tudo é harmônico, tudo está pronto. Mas o saber, que é questionador, significa busca e análise permanentes já que nele nada se encontra “arrumado”. A visão e captação desse real movimento temporal, formador

CRÍTICA LITERÁRIA II

do homem e, já que ambivalente, formado por ele, é a conscientização, fundamental para que o ser humano deixe de ser o “cadáver adiado que procria”. (Fernando Pessoa. *Mensagem*, p. 76)

A relação da literatura com a história se dá nos dois sentidos – como narrativa, no dinamismo do narrado, e, como processo, no dinamismo da construção. Como narrativa, não na preocupação com a “verdade” do fato literário, não com o apontar o uso de uma adjetivação particular ou a criação de uma imagem nova. Isto é pouco, é simplista, para explicar o seu processo. Mas o que na história levou um sujeito à adjetivação particular ou à imagem nova é o que de mais interessante existe na análise do texto literário. Portanto, a leitura e interpretação da narrativa literária não podem se limitar a apontar o fato literário pronto e acabado, mas as relações do real daquela narrativa que possam explicar o fato literário. O objeto narrado está no passado, como na narrativa histórica, mas a leitura se dá no presente, como na leitura da narrativa histórica. Há sempre um presente histórico a comandar a leitura e a interpretação. E é nesse espaço – narrativa histórica– narrativa literária – que se encontra o escritor, leitor de ambos os textos.

Note-se, então, que o fator histórico social, nessa perspectiva, deixa de ser elemento extrínseco à obra para se tornar elemento intrínseco a ela, razão de sua plenitude. Não atingir o “mistério” que a obra encerra passa a ser não saber “ler” a história, determinante mesmo de seu valor estético. Recuperar a história como sucessão de “fatos verdadeiros” é assumir a cristalização que o poder impõe através dos sistemas dominantes. Verdade histórica são versões e interpretações, ora claras, ora obscuras, que, essas sim, devem se impor como processo permanente, exercício da leitura desconstrutor-construtor, caminho da consciência plena. Escritor-leitor – o sujeito desse processo, desse cifrar-decifrar, que está nos textos e em nós. E aí se encontra a literatura.

UM FRAGMENTO

O considerar os textos literários “fragmentos de fragmentos”, como os considerou Goethe, implica uma responsabilidade histórica

de sua leitura. Isto quer dizer que o texto literário é apenas microcosmo de microcosmo no contexto histórico.

A história não tem sido valorizada como merece no estudo da literatura. Entretanto, como se apreender o sentido de uma obra se não se pensar no seu momento de criação? Não se penetra um poema medieval com olhos de poema de vanguarda. Pode-se objetar que o Fausto é eterno, independe de tempo e espaço. Pode-se dizer que a obra de Fernando Pessoa transcende o pequenino espaço português e chega até nós, já em outro século, cheia de vida e atual. Isto não invalida, contudo, as razões históricas de suas criações.

Não se defende o exame do texto literário através de um historicismo narrativo que não leva a nada. Defende-se, isto sim, o não desligamento do texto de seu contexto o que, afinal de contas, é o não desligamento do homem.

A todos nós é dada uma fatia de tempo. Todos temos obrigação de conquistarmos o nosso espaço. Como pode a literatura que, como arte, é vida, é o próprio ser existindo, desligar-se disto tudo? O poeta é o ser da pré-ciência, dono da magia da palavra. Entretanto, a sua palavra é vazia e espera um significado pleno que muitas vezes o leitor-poeta-homem-singular não encontra. Impossível, assim, o abandonar-se a história.

Refletir sobre a história é refletir sobre o homem. O homem, que faz a literatura e, principalmente, que faz a história, ainda que não o saiba.

Vamos, agora, brincar de bordar. Primeiramente em um texto de Saramago, “Cadeira”, que faz parte da coletânea de contos *Objeto quase*, publicada pela Companhia das Letras, em 1994.

Uma cadeira começa a cair, a dissolver-se. Nada é eterno, mudam-se os tempos, mudam-se os homens. O que nos resta para “bordar” é a linguagem. Misteriosa, densa, enigmática como a de todo escritor que olha o mundo e *pensa*. A observação de Saramago não é descompromissada. É de quem tem consciência da história e de quem quer espaço e tempo diferentes. Assim, a cadeira de desfaz e, com ela, o ocupante já velho, gasto, impotente.

CRÍTICA LITERÁRIA II

O escritor “visita” personagens ora de outros textos literários, Buck Jones, por exemplo, ora da realidade vivida como Leonor Teles.

Bordemos nós no tempo e espaço vivido por quem olha para a história de Portugal com a distância necessária para procurar a visão prisioneira da “Cadeira” e libertadora dos sentimentos acorrentados ao lugar do medo.

Nosso “bordado” é suficiente? Não. Apenas procura-se atravessar fios mais longos que o oceano que nos separa.

Fragmentos são partes, aparentemente desconectadas, que nos ajudam, agridem, intrigam, decepcionam ou animam. Fragmentos são caminhos de descobertas do movimento da história. Fragmentos literários exigindo descobertas históricas, como dizia Goethe.

Marina Colasanti, no seu “Onde os oceanos se encontram”, transcende o humano para recuperá-lo.

Duas ninfas, irmãs, vivem numa ilha, espaço mágico onde se dão muito bem, cada uma com sua tarefa a ser cumprida. Até que, por obra do amor, o ódio se instala. Um homem belo, que despertou sentimentos diferentes em uma das irmãs, faz com que ela peça à morte que o faça reviver. Evidentemente para ficar com ela. Os fatos não se desenvolvem assim: o amor, sempre pensado no campo da ventura, traz morte e ódio: torna humanos o que no espaço mágico se apresentava como paz e fraternidade. Há, então, a negação do amor para e pelos seres humanos.

O ser humano não tem salvação. É isto, Marina?

O “Tilburi de praça”, de Raul Pompéia, “brinca” com os leitores. Ou os leitores “brincam” com o texto, uma vez que a ingenuidade do protagonista não convence ninguém e se transforma em uma espécie de cinismo diante da vida.

Dois viúvos se casam. Desde o primeiro momento, ainda na igreja, o homem vê os olhares da mulher para outro homem. Então o protagonista *vê*. O protagonista *sabe*. O protagonista *quer*. Afinal ele tinha seus bens.

A comparação com seu anterior casamento também se faz: a esposa morta era gorda, tranqüila, cumpria suas obrigações de dona de casa e tudo mais.

Os dois tempos assinalados, o passado e o presente, ratificam o cinismo do personagem ao encarar seu atual momento.

Constrói-se a mulher através da fala do marido: ela só tem uma fala para reclamar do aborrecimento de estar em casa, apesar de o outro homem estar lá também. A fumaça azul dos charutos é que escreve no ar o destino do casal – desaparecer como marido e mulher. Cartomante sonâmbula, para que? O bordado está completo sem que se precise atentar para o título “Tilburi de praça”.

Poderíamos continuar trabalhando contos ou mesmo romances e encontraríamos o ser humano de vários tempos ali marcados. A experiência humana borda no seu tempo, aquele a que ela tem direito, a sua vida.

Seja Saramago nos trazendo o ditador e sua ruína mesmo que não nomeado, seja Marina Colasanti apontando o avesso do amor, seja Raul Pompéia com o marido que vê e sabe mas cinicamente nega o que todos sabem – a história está em todos. É fundamental para o entrosamento autor/narrador/leitor.

Plagiando Saramago, poderia ser dito “quando eu souber, eu conto outra...”, ou “se eu soubesse, contava outras...”

A história me trouxe até aqui, a história me leva para lá. O lá é um bordado a ser feito no tempo invisível da imaginação.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. *Metáforas do poder*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

BARTHES, Roland *et alii*. *Literatura e realidade*. Trad. Tereza Coelho. Lisboa: Don Quixote, 1984.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introd. Org. e Seleção. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CRÍTICA LITERÁRIA II

CARR, E. H. *Que é história?* Trad. Lúcia Maurício de Alverga. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

COLASANTI, Marina. Onde os oceanos se encontram. **In:** *13 dos melhores contos de amor*. Org. Rosa Amanda Strausz. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

COLLINGWOOD, R. G. *A idéia de história*. Trad. Alberto Freire. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1981.

HOOK, Sidney. *O herói na história*. Trad. Iracilda M. Damasceno. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

HOURS, Joseph. *O valor da história*. Trad. Rosa Henriques. Coimbra: Almedina, 1979.

LEFORT, Claude. *As formas da história*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes e Marilena Chauí. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MARROU, H.I. *Do conhecimento histórico*. Trad. Ruy Belo. Lisboa: Aster, 1974.

POMPÉIA, Raul. Tilburi de praça. **In:** STRAUSZ, Rosa Amanda (org.). *13 dos melhores contos de amor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SARAMAGO, José. A cadeira. **In:** SARAMAGO, José. *Objecto quase*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.